

## **Conflitos do eu: Duplicidade e Consciência em *Um Rio chamado Tempo, Uma casa chamada Terra***

Profa. Dra. Lilian Lopondo<sup>i</sup> (USP/UPM)  
Prof. Ms. Nefatalin Gonçalves Neto<sup>ii</sup> (UFRPE/PG FFLCH-USP)

### **Resumo:**

*O trabalho ora apresentado busca analisar o romance Um Rio chamado Tempo, uma Casa chamada Terra (2003) do escritor moçambicano Mia Couto, tendo como fios condutores a questão do duplo e da autoconsciência da personagem. Para tanto, recorreremos aos princípios teóricos elaborados por Carla Cunha sobre a duplicidade na literatura como meio para deslindar, nas linhas e entrelinhas do texto, de qual forma a duplicidade das personagens serve enquanto elemento de significação do texto. Tal elemento, recorrente na obra do autor, servirá como mote para elucidarmos o projeto artístico e engajado do mesmo. Baseado em uma proposta teórica que averigua tanto os elementos internos quanto o social presente na composição estrutural do livro, comporemos um caminho de leitura que perscrute a construção discursiva da obra em questão de forma a interpretar suas possíveis significações. A conclusão de nosso caminho de leitura interpretativa propõe o texto de Couto, para além de suas qualidades artístico-literárias, carrega uma nova proposta social no que tange à realidade de seu país: uma perspectiva que vislumbre a comunhão das ideias tradicionais junto à novidade proposta pela modernidade.*

**Palavras-chave:** Autoconsciência, Duplo, Literatura Pós-Colonial.

### **1 Do autor à obra**

Nascido António Emílio Leite Couto, Mia Couto é considerado pela crítica atual um dos melhores, senão o melhor, escritor de Moçambique. Com posições bem delineadas pela guerra colonial de seu país, antecedente à Revolução dos Cravos – sabemos, por depoimentos do próprio escritor, que este foi integrante dos quadros da *Frelimo* (Frente de Libertação de Moçambique), movimento de guerrilha anticolonial de inspiração marxista, transformado em partido oficial de Moçambique depois da independência, em 1975 – e pela história de seu povo, a literatura de Mia Couto apresenta marcas políticas bem delineadas. É, portanto, uma literatura engajada. Contudo, este engajamento não é panfletário, antes entrelaçado com a cultura e com a luta do povo moçambicano pela sobrevivência e pela construção de sua nação. Os romances de Couto têm uma tendência de retratar – metafórica, alegórica e/ou líricamente – a situação de seu povo, opção que coaduna com seus anseios enquanto cidadão.

Peça de ourivesaria, cada frase dos romances de Mia Couto é cuidadosamente lapidada pelo escritor. A prosa é o veio por onde corre um lirismo que recai sobre seu povo e sua história, a história de uma terra abusada pelo colonialismo português e de um Moçambique destruído pela guerra, onde urge a necessidade de reconstrução. Tal necessidade pode ser notada em diversos livros de Couto, a começar por *Terra Sonâmbula* (1992), primeiro romance do escritor e indicado como um dos doze melhores livros africanos do século XX por um júri criado pela Feira do Livro do Zimbábue. Neste, a opção do escritor é a de avaliar como ficou seu país após o final da guerra colonial com Portugal.

*Vinte e Zinco* (1999), escrito a pedido da editorial Caminho para comemorar os 25 anos da Revolução dos Cravos, prima por reler a história do vinte e cinco de Abril. Dicotomizando as formas de ler a revolução – tanto pelo olhar dos portugueses em África quanto pelo olhar dos

nativos –, o romance de Mia Couto focaliza uma faceta pouco examinada até então: como a revolução foi vivida em uma África dominada e em guerra por sua liberdade.

Por fim, *Um Rio Chamado Tempo, Uma Casa Chamada Terra* é um romance que retoma os mesmos temas caros ao escritor e, a partir da dicotomia entre local e universal, tradição e modernidade, propõe uma terceira via. Intenta, da beira do abismo e do caos, a reconstrução de uma vida e de um espaço estabelecido como sagrado para seus habitantes. Dessa forma, o romance em questão é que nos servirá de guia para refletirmos sobre a escrita de Couto e delinear suas perspectivas, tanto políticas quanto literárias. Para tanto, serão investigadas duas questões fulcrais da obra: o duplo e a autoconsciência das personagens.

Por meio destes elementos, Mia Couto insere o leitor de seu romance, de forma sutil, numa ampla discussão sobre a questão da tradição e da modernidade. Ao representar os dois polos metonimicamente pelas figuras do avô e do neto, Couto incita seus leitores a refletir sobre a implicatura da tradição para a existência da modernidade, de que um é necessário para o outro: pares opostos, mas que se complementam.

Vista sob este viés, o livro de Couto expressa, em sua forma interna, o social. Segundo Candido, ao tomar o social como agente da estrutura, o crítico necessita de verificar seu determinante no valor estético. Candido exemplifica suas considerações com a análise do romance *Senhora*, de José de Alencar, demonstrando que o tema da traição, mais que um dado social que reflete a época de ambientação do romance, é fator artístico que movimenta as construções internas da narrativa<sup>1</sup>. Assim como Alencar, em Mia Couto também o aspecto social é constitutivo de sua produção estética.

Nossa proposta de análise coaduna-se com uma visão valorativa não apenas do imanentismo da obra – como propunham os estruturalistas –, mas que vê os elementos internos enquanto estruturadores e que engendram, em sua *poiesis*, se somam aos elementos externos – “de ordem social (...) filtrados através de uma concepção estética e trazidos ao nível da fatura (...)” (CANDIDO, 2008, p. 24). A somatória destes dois níveis de significação possibilita “(...) uma interpretação estética que assimila (sic) a dimensão social como fator de arte” (CANDIDO, 2008, p. 17).

Se no romance de Couto avô e neto necessitam um do outro para que a completude da vida haja, tradição e modernidade são duas faces necessárias para que Moçambique possa alcançar a maturidade. Desta feita, nos proporemos a verificar como esse elemento externo “(...) desempenha seu papel na constituição da estrutura (...)” (CANDIDO, 2008, p. 14) do livro em análise.

## **2 Duplicidade e estrutura narrativa**

A fábula de *Um Rio Chamado Tempo, Uma Casa Chamada Terra* (2003) apresenta o idoso Dito Mariano em uma situação de limiar: este está quase morto, mas ainda possui um pulso latente (mesmo que muito fraco) e uma respiração inconstante. Tendo sua morte já como que certa, a família convoca o neto de Dito Mariano, Marianinho, de volta à ilha de Luar-do-Chão (onde moram seus familiares e de onde saiu quando jovem) e exigem que ele comande as cerimônias fúnebres do avô. Marianinho enfrenta sérios problemas, pois avô permanece em estágio de letargia. Dessa forma, o neto é, também, um sujeito do limiar, retornado do continente à ilha e atormentado pelo avô por meio de cartas e de sonhos. O não falecimento perpetrado pela figura do avô, Dito Mariano, corresponde à mesma dificuldade em renascer enfrentada pelo neto – de mesmo nome –, um rapaz

---

<sup>1</sup> Candido cita como exemplo de tais movimentos os diálogos construídos em forma de pressões e concessões, de forma a traduzir, na estrutura narrativa, o mecanismo de duelo, representante do mecanismo social de compra e venda.

que tem dificuldade em voltar para sua “terra chamada casa”, sua ilha, sua tradição abandonada:

Nenhum país é tão pequeno como o nosso. Nele só existem dois lugares: a cidade e a Ilha. A separá-los, apenas um rio. Aquelas águas, porém, afastam mais que a sua própria distância. Entre um e outro lado reside um infinito. São duas nações mais longínquas que planetas. Somos um povo, sim, mas de duas gentes, duas almas. (...) A vontade é de chorar. Mas não tenho idade nem ombro onde escoar tristezas. Entro na cabina do barco e sozinho-me num canto. Não importa o rebuliço nem os ruídos coloridos das vendedeiras de peixe. Minha alma balouça, mais murcha que a gravata do tio (COUTO, 2003, p. 18).

A inadaptação para a parte ilhada de seu país faz com que Marianinho tenha dificuldades em planejar-se. Em (re)nascer para Luar-do-Chão. É a terra clamando, por seu turno, aquele que nela nasceu e a novidade/modernização representando a necessidade de mudança. Dentro dessa proposta, para que a terra acolha seu avô, Marianinho tem de desenredar a intrincada teia de mentiras e fatos obscuros que cercam sua família, o que implica por uma procura de suas raízes, suas crenças, fé e tradições.

O romance concilia, por meio deste processo de letargia e retorno, os tempos passado, presente e futuro – representados pelo rio do tempo e pelo espaço da casa – e, juntamente com tais elementos, a questão da tradição e da modernidade. Esta interação é alcançada por meio do uso da figura do duplo, cerne de nossa investigação neste artigo. Nossa base de reflexões sobre o duplo parte da proposição de que

O conceito mais comum relativamente ao duplo é que este é algo que, tendo sido originário a partir de um indivíduo, adquire qualidade de projeção e posteriormente se vem a consubstanciar numa entidade autônoma que sobrevive ao sujeito no qual fundamentou a sua gênese, partilhando com ele uma certa identificação (CUNHA, 2012).

A condição duplicitária veiculada no romance – na qual a tradição africana que os moçambicanos lutam para manter após sua independência – é figurada por Dito Mariano, o avô. Já a modernidade necessária para que o país avance está figurada em Marianinho. As duas personagens se configuram, desta forma, enquanto duplos complementares. Para além desta notação, temos, no romance, a figura da tradição (Dito Mariano) posta em estado de latência entre vida e morte. É somente a figura da modernidade (o neto Marianinho) que poderá ajudar a figura da tradição (Dito Mariano) a transitar de um estado a outro. Ou seja, é pelo novo (entenda-se moderno) que o tradicional terá de sucumbir para, posteriormente, reinventar-se. Nesse sentido, a presença da duplicidade, mais que elemento estrutural, se mostra como dado social interno do romance. O social se torna intrínseco ao literário.

A personagem Dito Mariano, ao apresentar-se como a figura mais proeminente de sua casa e de sua família, tende, figurativamente, a expressar uma casa maior, a da nação moçambicana. Tal figuração se torna importante pois é ela que justificará o surgimento posterior da duplicidade. Fugindo às regras e normas estabelecidas pelo rito funerário, Mariano pede que seu neto, e não seu filho mais velho, proceda às cerimônias funerárias e acaba por ter sua vida como que guiada pelas ordens, pensamentos e cartas do avô. Marianinho aceita e assume sua condição de outro, duplo. É por tal que, já no primeiro capítulo, a possibilidade é desvendada por meio da fala do narrador-protagonista: “Uma voz infinita se esfumava em meus ouvidos: *não apenas eu continuava a vida do falecido. Eu era a vida dele!*” (COUTO, 2003, pág. 22, grifo nosso).

Ao assumir-se enquanto outro de seu avô, Marianinho carrega a responsabilidade de ser o chefe da casa e a função de comandá-la e melhorá-la. Enquanto duplo Marianinho tem, tal qual o avô, a função de manter viva a tradição familiar de Moçambique por meio de suas ações. A fuga do

neto para a cidade e sua posterior mudança implica que, ao voltar, ele precisa se atualizar sobre a tradição familiar e sobre o andamento da casa. É esta necessidade que faz com que dito Mariano retorne, por meio de sonhos e cartas, para orientar seu neto.

O trecho narrativo apontará para as diversas nuances da duplicação. A primeira delas se desvela pelo nome das duas personagens principais – Vô Mariano e Marianinho – que são idênticos, sendo separados na narrativa apenas pelo papel familiar que do primeiro possui (avô, patriarca) e o segundo pela partícula que marca o diminutivo (inho). Esta partícula diminutiva indica continuidade, já que o segundo nome, graficamente, vai até onde termina o primeiro e segue por meio do acréscimo de quatro letras. Um segundo detalhe é que, no nome das duas personagens, há a presença do vocábulo mar. Este, simbolicamente, representa uma espécie de fronteira a ser cruzada, espaço em que a transformação acontece. Não é de graça que Marianinho, para retornar à sua casa e aos seus, tenha de atravessar um rio que separa a ilha onde mora sua família do continente onde estava morando até então.

Presenciamos, neste conflito, uma apresentação de novas perspectivas a respeito do trânsito entre o mundo dos mortos e o mundo dos vivos, já que o que se apresenta na narrativa não é um morto que retorna, mas sim um que rejeita abandonar a vida e, por outro lado, um sujeito que necessita de retornar às suas origens, mas sabe-se incompatível com as mesmas. A passagem da morte para a vida se ressignifica, fazendo com que tempo/rio e terra/casa tenham nova interpretação dentro de um novo paradigma – o romanesco:

Agora sabe onde me há-de visitar. Já não necessito de lhe escrever por caligrafada palavra. Falaremos aqui, nesta sombra onde ganho dimensão, corpo renascendo em outro corpo. Você, meu neto, cumpriu o ciclo das visitas. E visitou casa, terra, homem, rio: o mesmo ser, só diferindo em nome. Há um rio que nasce dentro de nós, corre por dentro da casa e desagua não no mar, mas na terra. Esse rio uns chamam de vida (COUTO, 2003, p. 258).

Há, no excerto, diversas nuances. A personagem revela-se enquanto duplo e continuador do antigo via novo. Ou seja, o avô continua sua vida em seu neto. Essa continuidade redimensiona o sentido de rio, casa, mar e terra, vocábulos de cunho sacramental aos moçambicanos. A proposta atualizada de enxergar a vida – um rio que nasce no homem e deságua na terra – indicia a ideia de que a vida (representada pela água) nasce no homem, mas ela tem de correr para um lugar por ele anseado (a terra, a casa). A narrativa propõe, poeticamente, que o sujeito faça de sua vida um agir em favor da terra em que vive, pois é nesta terra que a vida desaguará. O romance instaura uma nova possibilidade de se enxergar o chão: não mais como espaço de conquista, mas de vida.

Para além da duplicidade na construção das personagens, há, na configuração da narrativa, a duplicação espacial. O novo, o moderno choca-se com a tradição por meio de uma ação de passagem, uma espécie de ritual que marca a transposição entre o novo e o antigo. Dessa forma, o atravessar do rio/fronteira pela personagem Marianinho tem função renovada. Se comumente atravessá-lo significa passar para “o outro lado”, a outra margem, avançar os limites e/ou mudar de rumo, no romance em questão a travessia da personagem dúplice é, também, um retornar, uma transposição que, ao mesmo tempo em que retorna, transforma. Assim Marianinho, representante figurativo da modernidade, apresenta-se como suplemento: um ser que completa a postura tradicional do avô.

Encerrado no tempo presente, Marianinho só pode nascer via aprendizagem da sabedoria do avô mesclada às suas possibilidades:

Estas cartas, Mariano, não são escritos. São falas. Sente-se, se deixe em bastante sossego e escute. Você não veio a esta ilha para comparecer perante um funeral. Muito ao contrário, Mariano. *Você cruzou essas águas por motivo de um nascimento. Para colocar o nosso mundo no devido lugar não veio salvar o morto.*

*Veio salvar a vida, a nossa vida. Todos aqui estão morrendo não por doença, mas por desmérito do viver.*

É por isso que *visitará estas cartas e encontrará não a folha escrita mas um vazio que você mesmo irá preencher*, com suas caligrafias. Como se diz aqui: feridas da boca se curam com a própria saliva. Esse é o serviço que vamos cumprir aqui, você e eu, de um e outro lado das palavras. *Eu dou as vozes, você dá a escritura*. Para salvarmos Luar-do-Chão, o lugar onde ainda vamos nascendo. E salvarmos nossa família, que é o lugar onde somos eternos (COUTO, 2003, p. 64-65, grifos nossos).

Assim, o presente é o novo espaço de floração de Marianinho via amalgamento. A água, símbolo da vida é marca do nascimento deste ser. Ou seja, o duplo surge quando Marianinho cruza o rio em busca de seu lugar na família.

O imbricamento entre Dito Mariano e seu neto é possibilitado por meio da escrita: é ela que permite o diálogo entre os duplos e dá a Marianinho a possibilidade de inserir o novo no espaço do incompleto. É o processo de duplicação que atinge, por meio da síntese entre as duas personagens, a união das perspectivas moderna e tradicional. Por meio da confluência de sujeitos via linguagem/carta, Marianinho passa a ser voz e escritura, ou seja, é tanto o eu – por meio de sua atuação – quanto o outro – na medida em que representa e faz o que dita seu avô. Ao assumir o lugar deste, Marianinho torna-se um ser que caminha de “características negativas, resultantes de um processo de oposição entre o ‘eu’ e o seu duplo, pela constatação de uma não correspondência de traços ou características afins” para um processo de “características positivas, sendo resultante de um processo de identificação entre o ‘eu’ e o seu duplo” (CUNHA, 2012):

O silêncio se intromete. Não há mais alma para conversa. Regresso à casa grande. Deveria ir repor o sono no resguardo do fresco. Todavia, decido escrever. Vou para o quintal, e me disponho na sombra da mangueira. Levo o meu bloco de notas. Vou anotando ideias, frases soltas. É então que sucede o que não é de acreditar: a minha letra desobedece da mão que a engendra. Aquilo que estou escrevendo se transfigura em outro escrito. Uma outra carta me vai surgindo, involuntária, das minhas mãos: (...). (COUTO, 2003, p. 170)

Verifica-se, no trecho em questão que, da oposição, a narrativa se encaminha para um processo de caracterização de correspondências entre o eu e seu duplo. Marianinho continua seu avô por meio da escrita e inaugura o novo no seio do convencionalmente aceito. Essa representação do tradicional e do moderno figurados por idosos e jovens é comum nas narrativas de Couto. Tal mote já foi usado, por exemplo, em *Terra Sonâmbula*. Esta não é gratuita, pois sugere, alegoricamente, que sua figura metonímica em representação – Moçambique – só se reafirmará por meio da convivência da instância moderna em confluência com a tradicionalidade.

Segundo a perspectiva de Cunha (2012), existem dois tipos de duplos; os duplos endógenos e os duplos exógenos. O duplo endógeno “enquanto extensão do sujeito (...) e seu perfeito desdobramento, partilha com este traços evidentes que exaltam esse seu estatuto de ‘sombra’” (CUNHA, 2012). Já o duplo exógeno é aquele que se configura

(...) como uma entidade que se formou algures, extrinsecamente a esse ‘eu’. O duplo pode ser mais do que uma parte integrante do ‘eu’ e pode originar-se diferentemente sem que tenha de surgir necessariamente da sua interioridade. É possível alguém vir a reconhecer em outrém o seu duplo. Esse reconhecimento em que dois ‘eu(s)’ se entendem análogos e partilhando uma identificação anímica, estabelece igualmente o aparecimento do duplo (duplo exógeno), desta vez, aplicado a cada um deles (CUNHA, 2012).

Partindo das afirmações de Cunha podemos afirmar que o duplo presente no romance de Couto é exógeno, pois se acha separado do seu avô, mas participantes de uma mesma identidade.

Há que se notar que é pelo processo de exogenia, em que a relação é anímica entre os dois duplicados, que se instaura a sensação de pertencimento já citada anteriormente:

(...) cada homem é todos os outros. Esses outros não são apenas os viventes. São também os já transferidos, os nossos mortos. Os vivos são vozes, os outros são ecos. Você está entrando em sua casa, deixe que a casa vá entrando dentro de si (COUTO, 2003, p. 56).

O *Malungo*<sup>2</sup>, pois, não possui mais uma conotação negativa. Pela união das duas formas de existência ha a possibilidade de Marianinho enterrar seus mortos e, ao mesmo tempo, celebrar com os vivos o que virá pela frente. Marianinho é um duplo que permeia a narrativa e carrega-a de significação na medida em que o processo de duplicidade se relaciona à noção de pertencimento. Enquanto duplo do avô e figuração da nova Moçambique, Marianinho é um eu que pertence a um conjunto de outros “eus” (figurativizados pelo avô) e, comunitariamente, existem em consonância.

Esse duplo aparece na narrativa justamente para alertar o seu “outro eu” da necessidade de se salvar a terra-casa, espaço de convivência entre a ancestralidade da tradição e a jovialidade da modernização. A casa, local que simboliza o retorno às origens, expressa, também, como local de conflito. Esta, que corre o risco de desaparecer com o patriarca da família, precisa de ser salva. A salvação surge pelas mãos do neto, cujas atitudes, reinstauram a ordem mediante o novo que reconhece, aceita e, ao mesmo tempo, modifica o antigo. Por isso, o papel de Marianinho é o de, juntamente com Dito Mariano, resgatar a casa das águas destruidoras do tempo, fazendo-a reviver. Marianinho é um duplo com a missão de resgatar seu outro eu imerso na possível destruição da tradição. Ou seja, é um ser que “(...) evolui e se renova, atualizando o seu conteúdo, à medida que o ‘eu’ se vai também desenvolvendo e criando em si-mesmo uma ‘consciência moral’.” (CUNHA, 2012).

Ao encerrar, via cartas, sua mensagem e transmitir seu conhecimento, Dito Mariano volta à terra. “Termina” finalmente de morrer. Dá continuidade a seu caminho e permite aos seus também continuarem. Ao morrer Dito Mariano aceita o chão como jazigo. O duplo cumpre, como já sugerira Cunha<sup>3</sup>, sua missão de celebrar a oposição: ao mesmo tempo em que há a derradeira morte de Dito Mariano há, por outro lado, o renascimento da casa dos Marianos. A escrita de Mia Couto “tece as ligações entre as diferentes gerações, entre os universos da tradição e da modernidade, da morte e da vida. Marianinho recebe o mesmo nome do avô/pai Mariano, indicando ser ele o continuador da tradição familiar” (FONSECA; CURY, 2008, p. 32). É o processo de duplicação que permite ao outro – no caso, Marianinho – receber em si o conhecimento e a vivência do eu – Mariano.

Marianinho, o protagonista-narrador, traz à baila, mediante sua vivência, as vozes da tradição que perigam emudecer na transformação do país e na voragem dos tempos. Eleito pelo avô como repositório da ordem e reconciliador da família por ter nascido “de um amor sem medida” (COUTO, 2003, p.260), é por meio dele que a tradição deixará sua marca de continuidade. O escolhido, aquele que traz a modernidade e a tradição em si, recupera o espaço de harmonia e de pertença que sua casa emana. O narrador vive com um pé na tradição e outro na modernidade,

---

<sup>2</sup> O termo Malungo possui duas acepções dicionarizadas que aqui casam perfeitamente: a primeira é Companheiro, camarada, título que se davam mutuamente os negros escravos vindos da África num mesmo navio. O segundo refere-se ao velho, espécie de pai da casa, da família enquanto entidade social. Acreditamos que tanto um quanto outro significado se conluiam em Dito Mariano.

<sup>3</sup> Para a autora, o duplo gera um processo de oposição complementar. É por meio de seu contrário que a situação se normaliza. Nas palavras da autora: “A natureza do Duplo assume-se então como especular, alternando e realizando a sua figuração espectral entre a vida e a morte, entre os sexos, entre si e o objectivo, entre o reconhecimento e a negação do Real” (CUNHA, 2012).

produzindo uma nova realidade, tensa, sinteticamente dialética, que já não é uma nem outra, mas que não nega suas origens. Isto permite a Marianinho reconstruir as pontes entre Luar-do-Chão e o resto do mundo, entre o passado e o presente, a ruralidade e a urbanidade, a tradição e a modernidade, o mundo dos vivos e o mundo dos mortos. É um ser em transição que congrega os contrários.

A grande missão de Marianinho no romance é recuperar, com a ajuda do “meio-falecido”, a história de sua família e colocá-la no centro das suas vidas, o que se verifica ao final do romance quando finalmente o protagonista enterra seu avô falecido e livra-se das cartas:

Só eu vejo as folhas esvoando, caindo e se adentrando no solo. Como é possível que o coveiro seja cego para tão visíveis acontecimentos? Vou apanhando as cartas uma por uma. É então que reparo: as letras se *esbatem*, aguadas, e o papel se *empapa*, desfazendo-se num nada. Num ápice, meus dedos folheiam ausências. (COUTO, 2003, p. 239-240, grifos nossos)

As cartas empapadas de chuva “retornam à terra” e simbolizam a ida de Mariano à cova e seu renascimento via semente. Interessa notar que as letras da carta se empapam e esbatem, indo parar também na terra. Tal caminho representa, por um lado, a germinação das palavras de Dito Mariano, sugerindo, de um lado que a tradição gerará frutos na terra e, por outro, que Marianinho já não precisa mais daquelas palavras, pois as tem em sua vivência única, inexata, que recupera o vivido e o acopla ao possível oferecido pelo novo.

De fato, nas cartas que Dito Mariano escreve a seu neto, encerra-se uma visão do mundo tradicional em que a casa é o espaço da eternidade, o “lugar onde somos eternos” (COUTO, 2003, p. 65). A ação de salvar este espaço, metonímia do país no qual os duplos vivem, sugere que o novo tem de ser perpassado pelo tradicional. De que só é possível crescer e continuar se não se relegar o passado, a história de nossas raízes. Tal proposição encerra um saber que repõe a ordem num universo fragilizado e desequilibrado pela ação dos homens. Cabe ao protagonista, que “recebe” os conhecimentos *ditados* por seu avô, não os deixar “desaparecer” com a passagem do tempo. Ou seja, Dito cumpre seu papel e Marianinho assume sua responsabilidade de manter a tradição viva e reconfigurá-la por meio da aprendizagem que trará de fora da aldeia.

A narrativa de Couto, como que um agente da espécie de Marianinho, tem a preocupação de transmitir esse saber incitado por suas linhas, revestindo os acontecimentos de um caráter simbólico e confundindo, nas diferentes vozes que se cruzam, o histórico e o maravilhoso, a realidade e o onírico, o vivido e o sonhado.

Nesse cruzamento entre realidade e fantasia, temos, por meio da duplicação, a formulação do novo que une tradição e modernidade de forma a estabelecer, nas camadas profundas da narrativa, a união entre ficcional (representado pelo desenvolvimento narrativo) e factual. Ou seja, na ultrapassagem do rio que Marianinho faz no primeiro capítulo, há o encontro dos dois polos, em que o moderno encontrará seu lugar de pertença no tradicional. É pelo encontro dos dois polos que a família e, por extensão, a nação se unificam. Como já nos alertava Cunha, quando do uso do duplo,

(...) é frequente o desvanecimento entre os limites do real e do fantástico. Assim, não é de estranhar que algo que até aí havíamos considerado como imaginário nos surja como real, ou que o duplo que representa e simboliza, se aproprie das totais competências e funções do “eu” de que é representação ou símbolo (2012).

O processo de duplicação presente no texto aproxima os opostos e permite que Mia Couto crie um quadro sógnico no qual temos a possibilidade de ver desfilar as gentes de Moçambique num retrato coletivo de um povo que se faz de sonhadores – como o pai de Marianinho –, de recalcamientos e memórias – como tio Abstinência –, de sabedorias antigas e segredos – como o avô

Mariano – e tantos outros que o romance possibilita. Neste quadro podemos vislumbrar os diferentes Moçambiques que se confrontam num tempo de mudança e de alteração rápida de costumes e valores. Ao buscar elementos das muitas mitologias tribais, das lendas e dos causos regionais, de um português com seus machimbombos, quizumbas, xicuembos, xipocos Mia Couto contribui para a construção de uma identidade nacional moçambicana e nos mostra a riqueza cultural e folclórica de uma África que não conhecemos por meio do olhar de Marianinho e seus familiares.

Ao sondar seu novo mundo, que já o era antes da partida para a o continente, Marianinho retorna para sua terra natal tendo de atravessar o rio que a separa do restante do continente. Este rito de passagem representa uma mudança temporal, já que o rio e, conseqüentemente, sua casa possuem um tempo específico e diferente do tempo cronológico Ocidental. Tempo que mescla espaços, vivências, sentimentos, religiosidades e vidas num emaranhado que não temos possibilidades de explicitar.

Já o velho Dito Mariano é um morto sem descanso, que necessita de fazer um percurso de expiação dos seus pecados para poder finalmente aceder à condição de morto definitivo, de antepassado. Ou seja, a transitoriedade da personagem está a serviço de consertar os erros do passado para que o presente e o futuro de seu neto Marianinho sejam diferentes do seu, complementares.

*Um Rio Chamado Tempo, Uma Casa Chamada Terra* é um romance de (auto)descoberta de sujeito(s) que representa(m) a nação moçambicana. Seres mergulhados ainda nos resquícios de um passado colonial e de uma guerra civil que se revivem sob novas formas. Assim, a ambiguidade do espaço moçambicano é expressa sob diversas formas, seja como *locus* de resistência, de sobrevivência ou de construção do novo mesclado com o antigo. Um entre-lugar (re)criado ficcionalmente. Um país pequeno em que só existem dois espaços que se chocam na composição da trama. Local possível de afastar, separar infinitamente. São espaços que se configuram como nações, mesmo próximas, extremamente distantes. Como já citado, são nações “mais longínquas que planetas” (COUTO, 2003, p. 18). Metaforizados como um único espaço, mas com “duas gentes, duas almas” (COUTO, 2003, p. 18).

É sob este quadro harmonioso em que se (re)figuram tanto a ficção quanto a realidade que acontece a ação do rio-tempo e da casa-espaço, elementos fundamentais da condição dos homens. O rio, metáfora da vida que flui num sentido irreversível, é também o espaço do recomeço, da água geradora de vida, do espaço onde o ser humano se reencontra com o seu elemento primordial. Por outro lado, se o rio separa as margens, também as une. Estabelece o contato entre dois mundos aparentemente opostos. Já a terra é o elemento fixo, duro, que precisa de ser trabalhada para ter um formato. É o espaço em que a separação só ocorre de forma vertical – vivos e mortos. Esta oposição entre os elementos terra e água – duplos complementares – aponta para o fato de que a narrativa e, por extensão, toda a nação moçambicana é plural.

Talvez seja este um dos motivos da literatura de Mia Couto, cultivar o sonho nos sobreviventes de seu país. “Fundindo texto e contexto numa interpretação dialeticamente integra (...)” já que “(...) a integridade da obra não permite adotar nenhuma dessas visões dissociadas (...)” (CANDIDO, 2008, p. 13), a narrativa de Couto repensa as diversas faces, formas e nuances para construir, mesmo que utopicamente, uma Moçambique mais justa, em que tradição e modernidade caminhem juntas e construam a história nacional sem exclusão. Mais que um artífice da palavra, Mia Couto constrói uma arquitetura literária, um verdadeiro manifesto humanista de um sujeito comprometido com sua terra, seu povo e sua cultura.

## Referências Bibliográficas

- 1] CANDIDO, Antonio. Crítica e Sociologia. In: \_\_\_\_\_. *Literatura e Sociedade*. 10ª Ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2008. p. 13-25.
- 2] COUTO, Mia. *Um rio chamado Tempo, uma Casa chamada Terra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- 3] CUNHA, Carla. Duplo. In: CEIA, Carlos. *E-Dicionário de Termos Literários*. <http://www2.fcs.unl.pt/edtl/verbetes/D/duplo.htm> Consultado em 10/08/2012.
- 4] FONSECA, Maria Nazareth Soares; CURY, Maria Zilda. *Mia Couto: espaços ficcionais*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

---

i **Profa. Dra Lilian Lopondo**

Universidade de São Paulo (USP), DLCV  
Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM)  
E-mail: [lopondo@uol.com.br](mailto:lopondo@uol.com.br)

ii **Prof. Ms. Nefatalin Gonçalves Neto**

Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE)  
E-mail: [nefata12@yahoo.com.br](mailto:nefata12@yahoo.com.br)